

O progresso da homeopallia no mundo

O Dr. Javier de Benavent, occupando-se do tratamento da diabetes, enfermidade essa infelizmente tão introduzida entre nós, após um estudo acurado e segundo a opinião de variis collegas, garante a cura de semelhante molestia, vindo provar dessa fórma o quanto a homeopathia tem progredido, apesar da guerra mesquinha que lhe movem os seus inimigos. Cedamos portanto a palavra ao illustre Dr. J. Benavent: Recebi, não ha muito tempo, um prospecto que recommendava o *vinho uranado*, como remedio infalivel para a cura da diabetes.

Entre os diversos paragraphos, deparei com um que diz o seguinte :

« Fui eu quem descobriu esse remedio á força de largas e penosas experiencias, pois estando eu diabe-

tico e tendo usado um sem numero de palliativos ordinarios, sem o menor resultado, só obtive a cura radical com o *vinho uranado*.

Ante tão surpreendente resultado me aconselharam varios medicos que fizesse repetidas experiencias, alcançando assim curas admiraveis. »

Seguia-se uma lista bastante extensa de curas de semelhante molestia, levando a uma generosidade a incluir a formula do seu especifico miraculoso, que é o seguinte: Vinho vellos de Bordeaux, nitrato de uranio, bromuro de litio, pepina, quina, gliceerina e outros productos apropriados.

Observe o leitor, que a generosidade do inventor desse especifico, mostra-se em sua formula um tanto reservado e mysterioso, pois que deixa no olvido os outros productos apropriados, assim como as dosagens de cada producto de que se compõe a sua formula.

Não resta duvida (que isso é logico debaixo do ponto de vista mercantil não sendo, porém, philantropico.

O que se admira sobretudo é o talento privilegiado do inventor, distarçando por meio de outros productos o unico remedio capaz de curar a diabetes e afirmando que descobriu o *urano nitrico*, isso no anno de 1857.

Permittam os leitores, que eu faça um pequeno historico medico: o Dr. Ricardo Hugues em um manual publicado em 1888, em sua terceira edição diz: *L'uranium* — geralmente se emprega o *nitrate*, cuja preparação é mais propria para ser usada em solução liquida de preferencia a trituração.

O Dr. Edward Bleke nos apresenta experiencias feitas em pessoas sadias, com o *nitrate de uranium*.

Lecompte, em 1858, chama a attenção desse notavel anti-diabetico, em um escripto publicado no *British and Foreign Medical Chirurgical Review*.

O Dr. Brandford foi o primeiro que reconheceu a sua importancia, em um volume, em oitavo do *North American Journal of Homeopathig*.

NINON DE LENCLOS

escurecia da ruga, que jamais onson macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, tirando sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava á carada Tempo, cuja fôrme embotava-se sobre sua countadoro physiognomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito se admirava a viu-se obrigada a dizer o velho rabugento, como a raposada Lafontaine dizia dar novas. Este segredo, que a celebre egoista faceria jamais confôr a quem quer que fosse das passons daquella época, descobrio-o o Dr. Lecoq entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Busy-Babutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, NAISON LECOQ, Rue du 4-Septembre, 31 à Paris.

Esta casa tem-o á disposição das nossas elegantes, sob o nome de *L'ERITABLE EAU DE NINON*, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

DUVET DE NINON

po de arroz especial e refrigerante ;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se :

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores ;

SEVE SOURCILLIERE

que augmenta, engrossa e bruna as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.

LA PATE ET LA POUDE MANOÈREMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante dos máos, etc., etc.

Convenha exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as emittições e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE
E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa, aceta a epiderme, impede e destrói as **frías** e as **rechas**.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branca primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES

Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó do arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerrados empregando-se o **l'Extrait Capillaire des Bénédictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, sane-os e branque-os com o **l'Elixir dentifrice des Bénédictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout
DELANGRENIER

Alimento Completo
agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro **RACAHOUT** dos **ARABES** Delangrenier é o

Melhor alimento da Criança

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado ás mães quando dão de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira
DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as **PHARMACIAS**

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão
Evitar as Imitações e Falsificações

Le Trêfle Incarnat
Parfume de Moda

Rosiris

Senteur des Prairies

Violettes de Parme

Dentifricios Mao-Tcha
PÓ, PASTA E ELIXIR

CALLIFLORE
FLOR DE BELLEZA
Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam estes pós communcam ao rosto uma maravilhosa e delicada belleza e deixam um perfume de exquisita suavidade. Alem dos brancos, de notavel pureza, ha outros de quatro matizes diferentes, **Rubral** e **Rosa**, desde o mais pallido até ao mais colorido. Poderá pois, cada pessoa escolher a cor que mais lhe convenha ao rosto.

PATE AGNEL
Amygdalina e Glycerina

Este excellente Cosmetico branca e amacia a pelle, preserva-a do Cieiro. Irritações e Comichões tornando-a nvelludada; pelo que respeita ás máos, dá solidez e transparencia ás unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes,
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

HOUBIGANT
PERFUMISTA
da **RAINHA d'INGLATERRA** e da **CORTE da RUSSIA**
PARIS

AGUA HOUBIGANT
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR Royal Houbigant.
AGUA de COLONIA Imperiale Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS : **Violette Idéale**, **Royal Houbigant**, **Peau d'Espagne**, **Muskari**, **Iris blanc**, **La Parfums Impérial**, **Morik**, **Mignon**, **Éclair**, **Reine**, **Impérial Russe**, **Lilas blanc**, **Heliotrope blanc**, **Fougère Royale**, **Gloxinia**, **Jasmin d'Espagne**, **Cor de Russie**, **Girofle**, **Corydalis**, **Bouton d'Or**, **Souris**, **Illococ**.

SABONETES : **Ophelia**, **Peau d'Espagne**, **Violette idéale**, **Fougère Royale**, **Lait de Thibade**, **Royal Houbigant**.

PÓS OPHELIA, **Talisman de Belleza**.
PÓS PEAU D'ESPAGNE.
LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos.
PÓS ROYAL HOUBIGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

O Dr. Hulo occupa-se tambem desse medicamento, assim como os Drs. Lovoder, Curie, Jousset, Haar, Dejudale, etc., etc.

O Dr. Carex, no periodico *La Lanee*, em Junho de 1874, cita casos felicissimos do *nitrate de uranium*.

Posteriormente e com toda attenção, tratei de colher informações dos resultados obtidos pelo *vinho uranado*, e pessoas diabeticas que merecem inteiro credito, me affirmaram ser verdade o que diz o seu inventor com respeito a diminuição e desappareição do assucar nas urinas, por em, quando se julgam curados e deixam de tomar o vinho, voltam as urinas ao seu estado precedente, até que aborrecidas depois de

seja miuha intenção prejudicar a sua fama e nem seu negocio.

Meu desejo ao escrever estas linhas é fazer-lhe comprehender que o unico preparado de sua formula, capaz de curar a diabetes, o unico que levou o seu entusiasmo ao ver se curado de tão pertinaz doença é o *nitrate de uranium*, medicamento descoberto não por elle, e ainda pelos homeopathas.

O nosso publico, felizmente, começa a comprehender que a homeopathia cada vez mais impõe-se, apresentando diariamente curas admiraveis, conseguidas por distinctos clinicos que attentamente acompanhavam o progresso dessa sciencia.

Tissot.

E' impossivel dizer como te adoro,
Impossivel com a penna idea exteta
Dar da longa saudade que me mata,
Neste êrmo quasi onde, pensando, móro.

Si o ouvido applico ao corredor, sonoro
Ouço te o passo e a voz tão doce e graú ;
A' saudade nas azas me arrebatá,
Tenho vontade de chorar... e choro.

Fin que ancia o travesseiro ao rosto apêto,
O aijo lembrando, a apparição revendo
Que aqui tive a meu lado, aqui... tão perto !

Dolor esa Saudade! ausencia erua,
Que me faz morto erer-me ajud, - vivendo
Como ahí vivo, na existencia tua !

ALBERTO DE OLIVEIRA.



DANSA DA RODA

longos mezes de tratamento, tinham resolvido o importante semelhante processo de cura.

Porventura chama-se a isso cura?

Muito me occorre acrescentar ao relatar fielmente este medicamento, descoberto em 1837, porém julgo já ter dito o sufficiente para livrar o publico dessa charlatanice.

Saibam, sim, que nos, os homeopathas administramos o *uranium*, *nitricum* e o *muraticum*, já ha muito tempo e com grandes resultados.

Na diabetes, nas ulceras do epigastro, estomago etc., esse precioso remedio como todos os nossos medicamentos, foram bem estudados e experimentados, tanto no homem como em animaes, em estado physiologico, prova que a divisa de Hanemann: *Similia, similibus, curantur*, é uma verdade incontestavel.

Não supponha o inventor do *vinho uranado*, que

Paz! Coração...

Ao EMILO KEMP.

Paz, coração! Que insensatez é esta?
Dá-me teu prompto auxilio, o razão fria!
De que serve a mais sauta idolatria
Si é, mesmo assim, uma paixão funesta?

N'alma da virgem pura, meiga, leonesta,
D'um doído olhar a chamma que incendia
E' blasphemia, é torpeza, é vilania
Que o odio busca, que ao desdem se apegata.

Paz, coração! Os estos amordaça:
O amor é como o fogo que illumina
Mas tudo invade, queima e despedaça!

Paz, coração! Do teu viver foi — sina —
Ao palpite de amor collar desgraça
Ser do tempo atravez negra ruina!...

Niteroy: 1900.

A. AFAMOR.

Da collecção -Vergel-

Das esperanças ao rosado bando,
Das illusões á tejada balagem,
Pelas estradas do Ideial passando,
A alma se me enche sempre de coragem.

Com o teu convívio vai se transformando
O meu caracter aspero e selvagem,
Como um leão que se tornasse brando,
Diante de pura e virginal imagem...

Porque descubro agora mais frescura
Na rosa branca, de petalás macias,
E na vaga que flue, chorosa e pura?

E' que povóas t da a Natureza,
Desde as nuvens do ceo ás aguas frías,
Desde o sol do levante á estrella accessa!

(Visionario)

JARBAS LOBITI.

Desdenhosa

Louvo-te a Graça e louvo-te em vado,
Flor dos salões, se nos salões te ostentas;
Tudo que é *fin* e que é soberbo inventas.
N'um lyrismo de goso e de peccado...

Falas e mesmo no fallar intentas
Ver a teus pés o mundo sulquado,
Tens no sorriso um céu illuminado,
Ao passo que um desden mortal intentas...

Louvo-te a Graça exalta de ranha
Essa *pose* com que passas sóbria,
Salto o cabelo e riso á flor da bocca...

Louvo-te a Graça, oh! Flor, com que me encantas,
E louvo-te o desden com que supplantas
A multidão que passa ardente e louca...

1900.

MAYRA DUARTE.

As nossas Gravuras

Dança da roda

Quem, ao contemplar este quadrinho, não evocará scena da sua passada infancia! Na cidade ou no campo, o círculo de mãos dadas era um dos nossos costumes brincados de creança, variando sómente de nome e na letra da canção que a acompanhava.

Vós que, hoje, levantaias com difficuldade as tropegas pernas, oh! miseraveis auciões! revide vos naquelle banho de arruldas creanças e deitae que a saudade do passado venha acafeiar a fronte encarnecida, enquanto os vossos netinhos ali — no jardim — com as boursabecinhas illuminadas pelas rastros do sol se coam pelo vergel do caramanchão, brincam como brincaesteis outrora.

Saudação matinal

O quadro de F. Vinca — saudação matinal — de feliz concepção e primorosamente executado, pertence á serie das pinturas que causam sempre prazer aos amadores do genero alegre; na actualidade, quer na poesia, quer na pintura e ainda nos outros ramos das bellas artes, predomina a dôr, comprazem-se os poetas no dedilhar a lyra envolta em crepe; os esculptores buscam no estudo das miserias do povo os modelos para as suas produções e os pintores só tem na sua palheta as cores sombrias da tristeza e do lucto; todos enfim, á porfia, procuram despertar a sensibilidade humana já um tanto embotada pelas crescentes difficuldades da lucta pela vida, com themes de uma realidade, brutal muitas vezes, inspirados por um episodio banal mas que, revestido com sciencia e arte e de novos detalhes, adquirem aspecto tragico.

Por isso, quando vemos um quadrinho como este em que a unica preocupação do artista foi o tornar-o o mais sorridente possível, fazendo desabrochar o sorriso nos labios da graciosa rapariga, cercand-a de floras primaveraes e completando-o com aquelle pombinho a voitar, trefego, em busca da caricia costumada, admiramo-nos da coragem do artista que se afasta da homlerna orientação dos artistas.

ORANDO

Quando ella á igreja vai e na discreta
Prece deixa voar a alma piedosa,
No seu livro de missa uma violeta
E' que lhe marca as folhas cor de rosa.

Talvez exista n'esta flor mimosa,
— Prenda amada e gentil de algum poeta —
O fio de uma historia dolorosa
O doce fel de uma paixão secreta.

Contam que a virgem quando orava um dia
Benza a quella planta sacrosanta,
Que no seu livro de orações lizia.

E presa, então, da mais profunda magia,
Tinha nas faces um padec de santo
E os negros olhos arrastados d'aqui.

WILHELM ANTON GÖTTSCHEW

Marinoria

Minha adorada Marinoria, tu, que és a luz dos meus olhos, a creança da minha vida, o norte que ha muito en fito; tu, que és o guia de minh'alma, alma que mais eu amo, estrella que me acompanha, doce visão que nos sorri e en vejo sempre a meu lado; tu, que encerras, enfim, todas as creanças que eu tenho, que és a ambição que me domina, belleza que me arrebatá e gloria que mais desejo; tu, que me arrastas nos raios dos teus olhares, olhares de cujo brilho recebo a vida que tenho; tu, que encerras nos teus labios, tão fin s e nacarados, os segredos da meiguice, meiguice que captiva; tu, que nas faces coradas encerras toda a belleza que a este mundo foi dada e á qual, confesso, meu anjo, que loucamente me prendo; tu, que concentras no pé pequeno e mimoso um mundo cheio de graças, cada qual mais seductora; tu, cujr cintura delgada é um mimo de perfeição, tal a forma graciosa e chic com que se ostenta; tu, que possues no sorriso um céu azul de

promessas, promessas que constituem todo o meu sonho dourado; por que é que has de ser ingrata!

Ah! Marin-ria, se acaso julgares que te importo, não me queiras mal, eu peço!

Não sei se sabes, mas vivo como um louco desvairado! É um louco, tu comprehendes, merece ser perdoado, pois que é um barco que vaga... que vaga e vaga sem rumo nos mares do desespero!

E tu possues, en bem vejo, no coração delicado, um r. seo céu de bondade!

Deixa que saia do intimo desta minh'alma infeliz, em torrente impetuosa, todas as minhas lamurias, pois ellas todas são filhas muito verdadeiras dos sentimentos que nutro.

Eu quero, sim, Marinoria, ver mais brando esse teu peito, mais meigo teu coração! Quero que tu me conserves como o teu fiel escravo, deixando-me, allucinado, ir seguindo eternamente teus passos, preso, tal como me encontro, aos raios dos teus olhares!

N.



DEUS

Continuação

Quanto se diz de mais de *sim - sim, não - não*, procede do mal, e pode fazer-te peccar. (S. Mat. 5.)

Não obstante se a autoridade legitima t'o mandar, deves jurar; porém sempre com discernimento, justiça e verdade. (Jerem. 4). Nunca jurarás em vão; porque a casa, do que jura em vão, será cheia de iniquidade, e della jamais se apartará o flagello. Se o homem não fizer o que prometeu com juramento, o seu peccado será sobre elle; e se faltar a isso por desprezo, pecca em dobro. (Ecc. 23).

Se a sabedoria reside no teu coração, conhecerás, filho meu, tudo que necessitas saber; te dirigirás pelos bons conselhos, e te apartarás do homem perverso, e da mulher corrompida; esta sabedoria regulará a tua conducta, e te tirará do pernicioso caminho dos vícios, que as trevas occultam; conduzido pela sabedoria jamais seguirás as pisadas dos ímpios, que se alimentam de iniquidades, e bebem como agua a maldade, e não descansam enquanto não têm sacrificado a sua victimia; mas tu, filho meu, compreenderás o caminho do justo, e alumiado de uma luz suave, caminharás com passo firme, sem tropeçares em algum escolho. Porque o Senhor, elle mesmo, endireitará as tua carreiras, e guiando prolongará em paz os teus caminhos. (Prov. 4)

Ha justos e sabios sobre a terra: as suas obras estão nas mãos de Deus, e o homem ignora se é digno de amor ou de odio. (Ecc. 9). Vive sempre temeroso ainda da culpa perdoada. (Ecc. 5), porque qual o homem, que possa dizer: — *O meu coração está puro, e eu livre do peccado?* (Prov. 20). Não ha homem tão justo sobre a terra, que obre constantemente o bem, e nunca peque. Aquelle que diz que não tem peccado, ergana-se, e não falla a verdade. (Ecc. 7. Epist. de S. João).

Conserva, filho meu, o teu coração immaculado, porque disso dependem os teus dias, captiva os teus olhos, dirige-os para o bem, e aparta os teus passos do caminho da maldade. O Senhor olha actualmente para os caminhos do homem, e considera todos os seus passos. O ímpio meretriz, porque não admittio a correccção, e se achará enganado pelo excesso da sua loucura. (Prov. 5).

O que ama a iniquidade tem odio à sua alma. (Psalm. 10)

Aparta as tuas visias das mulheres ataviadas com muito artificio. Foge do trato dellas, porque muitas vezes tem sido o escolho da innocencia. (Eccl. 9.) Não te deixes seduzir pela falaz formosura da mulher; porque os labios da prostituta são como o favo, donde corre o mel, e a sua garganta é mais lustrosa do que o azeite; mas o seu fim é amargoso como o absintio, e tilhante como a espada de dois gumes. Os seus pés descem à morte, e os seus passos baixão até os infernos. Ouve-me, filho meu, alonga della o teu caminho, e não chegues à porta de sua casa. Não des a tua honra às alheias, nem os teus annos à crueldade; para que não gemas afinal quando tiveres consumido as tuas carnes, e o teu corpo, e não digas: eu detestei a disciplina, e o meu coração não cedeu às reprehensões. (Prov. 5).

Evita, filho meu, tão perigosas rôdes, e não te demande o teu coração tão finosamente. Se desprezas os meus conselhos te arrependerás algum dia de haveres desprezado, te lamentarás da tua fragilidade, que enfraquecendo o teu vigor te cobria de opprobrio, e te causará a afflicção. (Prov. 7 e 18). Ordena os teus affectos de maneira que sejam puros e legitimos. Para que fim alimentares no teu seio chammias impuras, e deixar te levar de objectos tão indigios do teu amor? (Hi).

Escolhe uma esposa segundo Deus, e goza com ella das doçuras de uma saã a mião. Porém para fazer este enlace deves estar animado de temor de Deus e preservar a tua alma de uma cincepitação desordenada, reprimindo em ti a sensualidade, outro não deve ser o fim da tua união, senão o de reviveres na tua posteridade. (Job. 3 e 8).

O que acha uma boa esposa, acha um thezouro, e uma felicidade inexplicavel. Deus a concede ao homem justo. (Prov. 18).

Olha com horror, filho meu, para o adulterio, o furto não é tão grave delicto, especialmente quando a fome e a necessidade obrigam ao homem, porque então furta para saciar a sua alma esfaimada. Tambem depois collido ás mãos pagará sete vezes em dobro. Porém o que é adulterio perdera sua alma por causa da loucura do seu coração; elle ajunta para si a infamia e ignominia, o seu opprobrio não se apagará nunca; porque o riuime e o furor do mundo não lhe perdoarão no dia da vingança. (Prov. 5).

O que olha para a mulher casada com olhos obcenos e adulteros é já de facio rei de adulterio. (S. Mat. 5)

EPSEDIO

POR OCCASÃO DA MORTE DE CRUZ E SOUZA

RECITADA EM SESSÃO SOLEMNE

Silencio! o turbulo falla,
A dôr se veste de gala
N'este recinto funzrio!
Eu venho saudar agora
Das lyras a mais sonora
Que hoje habita o cemiterio!

Silencio! — inarrmura a amplidão
E en sinto no coração
Um enthusiasmo inandito;
Mas, venho saudar submerso
O Apostolo do verso
Que se evolou ao infinito!

Ha nas roupagens inarmonicas
Das brancas longas, historias
Que definir não sabemos,
Dos mysterios sacrosantos
N'aquelles lugubres mantos
Que interrogar não podemos!

Cavernas! abysmos fundos
Ouvem se alli outros mundos
Silenciosos invisiveis...
— Espectros desencantados
Corpes podres veimuiados
Cyprestes negros horriveis.

Quão tristes são as balladas
N'aquellas brancas onisadas
Que es ventos passam cantando;
O' que paesagens sinistras
Levantam-se ás nossas vistas
Dos fogos fatuos vando!

Pois bem! — parece impossivel
E' n'essa tela terrivel
Que doime Cruz e Souza
E' n'esse quadro, medonho
Que eu li tremendo tristonho
Sem nome na branca louza!

Tremi! tremi porque o via
E como eu, quem não tremia
Ao vêr assim tanto horror!...
Ao vêr cadaver, sepulho
Aquelle intrepido vultro
— O grande atleta da amor!

Lembrei-me então de momento
Fitando no firmamento
A lua serena e calma;
Qual seria aquella estrella
Que mais brillasse, mais bella
Que residisse em sua alma?

Li que eu não tinha conforto
Ao vêr teu corpo já morto
Des poetas, o poeta!
— Foste verso, uma seita
A religião mais eleita
Em que tu foste o propheta!

Não fora mister me teres
Para os tormentos saberes
N'esses abysmos tristonhos...
Tu, já sabias na terra
Bramir a palavra «Guerra»
Aos pesadellos dos sonhos!

Não fora mister a morte
Para elevares a coltoite
Das muralhas dos infernos,
Ha muito que já vivias
Na patria das utopias
Na terra dos madrigaes!

Em vida tu já cantavas
Pra não dizer que sonhavas,
Como ninguém já sonha
— Aquelles brancos luars
Que viaham beijar os mares
Ninguém jamais decantou!

Silencio! As lyras soluçam
E os corações?!

Se debruçam
Em torno d'um mausoleo!...
Não vês um vultro que passa?
E' Cruz e Souza!...

— Evonça
A conquistar outro céu!...

HOLLANDA CUNHA.

A CIGARRA

Nunca me parecerem que as fabulas fossem um proveitoso meio de educação.

Quando a gente as lê na infancia, não as encara senão pela graça que possam ter no exterior; não attinge a philosophia de que possam estar recheiadas. Adeantada a vida, não são precisas fabulas, porque sobejam como ligão as realidades.

A mais popular de todas as fabulas, a que certamente mais dá no gôto das creanças, é a da cigarrar e a formiga. Pois bem! considero a perigosa para a infancia, em vez de ser moralisadora.

Deixa no espirito dos pequenos um certo encanto pela vida bohemica da cigarrar, vadia e palreira, que não trabalha e passa o tempo cantando sem cuidados.

Essa agradável impressão fica na memoria como a combater o aborrecimento da vida real, em que o trabalho é lei. Tem o valor de uma iguaria fina que apparecesse n'um jantar de S. Marta, cujo menu diario era apenas o caldo negro. Tem a gente vontade de se atirar à iguaria e de deitar pela janella fóra o caldo negro.

E quando já se passou o meio dia da vida e ouvimos cantar a cigarrar na copa de uma arvore, quando já estamos fartos de trabalhar, cansados de viver arrastando migalhas para o celloiro, folga a gente de encontrar essa velha cigarrar sempre moça, cantante e bohemica, que não tomou nunca a vida a serio e contudo vai vivendo sempre.

A formiga faz-nos então lembrar um agiota, que facilmente se teria entendido e em a cigarrar, se chegassem a entrar definitivamente n'um ajustesinho de dez por cento no mez.

A desgraça da cigarrar veio de não ter offerecido juro taludo à formiga, porque logo obteria o emprestimo que desejava. Desgraça! qual desgraça! A cigarrar continuou a cantar a p'rtá do agiota, sem se importar muito com a recusa, e li se foi governando de modo que nem ella, nem os seus descendentes morriam de fome.

N'um dia d'esta se havia envt muitas vezes a cigarrar e confesso francamente que senti uma agradável impressão, semelhante à de ter encontrado um velho bohemio inextinguivel, que eu conheci na minha infancia, e que continuava a ser ainda tão alegre como eu proprio era então.

Comeei a envil-a nas quintas do Lumlau. As sete horas da manhã, e confesso que atirei para traz das costas os cuidados da vida para me envolver n'um

canto estridente e arte, que parece dar a convicção de que se não pode cantar assim, sem ser feliz.

Quando o trem descia a calçada de Carriço, pareceu-me que uma cigarra me dizia do alto de uma árvore junto à estrada: «O! lá! és tu! Como estás velho! Tens então trabalhado muito, pateta. Tens saúde? Não. Estás rico? Também não. O que lucraste em maçar-te? Eu estou nova e contente, continuo a ser feliz, a despeito da realidade do Sr. Lafontaine e quejandos fabulistas. Manda os á tava e canta como eu, se queres passar o resto da vida alegremente.

Senti, é certo, uma tal ou qual inveja d'essa cigarra toicista, que dava piparotes na memória de Lafontaine, e respondi-lhe com Anacreonte cantando por minha vez:

Feliz cigarra, inveja-te!
Pousada lá nos pinheiros
d'estas folhudas arveres,
Que bem que te has de estar!

Gotta de orvalho mimima
te sobra de Castalia,
que do Parnaso aos canticos
desbanca o teu cantar.

Por associação de ideias lembrou-me o velho Castilho, que traduzia do grego estes versos e que, tendo trabalhado afanosamente durante muitos annos, acabou por dar ouvidos à cigarra, cujo canto lhe aligeirava os fastios da vida, as desillusões e achaques da velhice.

Em 1873, Castilho recommendava o trabalho, como sendo a maxima felicidade do homem: até lhe consagrou um hymno, como se o fizera a qualquer divindade:

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orquestra da terra e do malho
brotam vida, cidades, amor.

Em 1894, quando já estava ralado de canceiras e desgostos, deliciava-se em ouvir cantar, n'um meio dia de julho, a primeira cigarra de Anacreonte na coxa da sua olaia.

Quer dizer: tinha regressado em espirito à infancia, como eu, como todos os que se sentem fatigados de trabalhar, melhor ou peor.

E Lafontaine havia perdido o seu tempo como moralista.

Na Povoia de Santo Adrião, logarejo fértil e gracioso que constitue uma freguezia do conselho de Loures, ia eu lendo um jornal, que vi-a ensombrado de aprel' ensões sobre a peste bubonica.

— Saffa! commentava eu. Morrer como um devasso, que se estraga n'por aloucos, deve ser a maior das sensaborias, porque a menor é decerto a morte sem bubões.

E, de repente, no arvoredo de uma quinta, respondeu-me uma cigarra cantando:

— Não leias jornaes, meu tonto. Eu não os leio nunca, e sou contente. Fez-me um grande favor a a formiga em me recusar o emprestimo que lhe pedi, porque se m'o tivesse feito, talvez eu agora estivesse rica e cahisse todos os dias com os meus dez réisinho para ler qualquer jornal, que sempre vem descon-solar a gente com a noticia de alguma desgraça. Assim, não leio e não me ralo. Pobrete, alegrete.

Fez-me bem o conselho. Afirei o jornal pela portinhola do trem e não tornei a pensar em peste bubonica.

Quando cheguei a Loures, villa cheia de lojas, onde deve haver muita gente que compre, visto haver tanta gente que vende, parou o trem para dar descaupo aos cavallos, e apeei-me por um momento no meio daquelle vasto empoio sabio, que envergonha toda as villorias dos arredores de Lisboa.

Não ouvi cantar cigarra nenhuma, mas encontrei um locista a ler a *Palma* da vespera.

— O senhor vem de Lisboa? perguntou-me elle parecendo um pouco preocupado.

— Agora me mo.

— Já lá está a peste bubonica?

— Não, senhor. Está no Porto. Tem-lhe medo?

— A fallar verdade tenho algum, porque as epidemias são redes de aranha.

— Olhe, respondi-lhe em pagando uma caixa de phosphoros, disse-me ali uma cigarra que o melhor era não querer saber de coisas tristes.

O tendeiro de Loures ficou a olhar para mim, estupefacto, julgando talvez que eu não estava em perfeito juizo.

Metti-me no trem, mandei bater, e todo o meu desejo era tornar a ouvir a cigarra, que, effectivamente, parece ensinar a gente que não vale a pena ralarmo-nos com coisas tristes.

Mas a civilisação de Loures tem uma dilatada area de acção, que afugenta as cigarras e admite os jornaes.

So quando avistei o Zambujal, lindo grupo de casas e arvores reclinado n'uma encosta, foi que tornei a ouvir cantar a cigarra, e alegrei-me.

Estavam lavando n'um riacho algumas lavadeiras, que não me pediram noticias da peste bubonica.

Davam ouvidos à cigarra, que as ia divertindo, e não queriam saber de desgraças.

O Sr. de Lafontaine mordida o beijo despeitado, quando cheguei à Bucellas, terra de bom vinho, já cahia muita calma. Eran dez horas da manhã. Não ouvi cigarra nenhuma. Atravesseti rapidamente a villa, onde notei um coêto para musica levantado n'um vasto rocio.

— Ha aqui, disse-lhe eu, uma philarmonica, motivo por que as cigarras fogem de Bucellas.

Uma senhora de sombrinha branca ia em passeio. Disseram-me que era de Lisboa e estava a ares.

Adquiri então a convicção de que Bucellas, em virtude do seu contacto com a civilisação alfaiubna, era menos feliz do que as povoações que apenas gozam no verão da musica das cigarras.

— Não tarda alguém a perguntar-me pela peste bubonica, disse eu com os meus botões.

Fui almoçar, regando um frango assado com o bello vinho branco da localidade.

Foi a primeira vez que o bebi... na origem.

— Ora então, disse-me alguém na casa de jantar como o senhor vem de Lisboa, ha de saber alguma coisa da peste bubonica...

— Ah! sim, sabia, mas já me esqueceu. Uma cigarra disse-me no caminho que me não ralasse e m'isso.

— Quem!?

— Uma cigarra. Não foi uma; foram duas. Não foram duas; foram muitas.

— O senhor está gracejando!

— Não estou. Pois já lhe constou que as cigarras deixassem de cantar para quereirem saber o que vai pelo mundo? Bem fazem ellas!

— Mas o peor foi quando a cigarra quiz comer no inverno e a formiga não lh'o emprestou.

— Sabe se a cigarra morreu de fome?

— Isso não sei.

— Nem eu, mas creio que não, porque se lhe tivesse acontecido essa desgraça, as cigarras que lhe succederam não teriam vontade de cantar.

Quando eu vinha de retorno para Lisboa, fumando um cigarro, tornei a ouvir a cigarra. Apesar da calma, achei que a vida não era de todo má entre uma cigarra e um cigarro, porque ambos convidam ao sonho, e a realidade da existencia não presta para nada.

Segundo uma superstição popular, a cigarra nasce da saliva do euea; quer dizer, o estio succede á primavera. Um fio de baba prende uma a outra as illas estações mais alegres do anno. Prisão tenuissima, que o menor sopro de vento pode quebrar.

Tão fragil é a alegria na terra!

A cigarra tem carradas de razão para não tomar a vida a sério.

ALBERTO PIMENTEL

As cartas

Tu mandaste pedir que eu devolvesse as tuas cartas, recebendo as minhas.

— Essa exigencia singular esquece; peço em nome do amor que tu me faças

«Julguesi que por mais tempo se estendesse esta nossa amizade... em breves linhas assim me escreves, como se eu tivesse culpa de tudo, excelsa das rainhas!

Ah! se tudo morreu, como tu dizes, deixa-me ao menos por lembrança amena dos nossos dias calmos e felizes,

Já que pra sempre tu de mim te apartas, essas, escriptas pela tua pena, de amor repletas, venerablas cartas!

LAFONTAINE SILVA.



REGRAS PARA BEM VIVER

- I Não pedir favor por mais insignificante que seja.
- II Fazer aos outros todos os favores que puder.
- III Não incomodar os vizinhos.
- IV Sair de casa o menor numero de vezes possível.
- V Não demorar em fazer as visitas que receber e reduzir o mais possível o tempo de sua duração.
- VI Contar só a dinheiro e jamais dever um real sequer.
- VII Remunerar generosamente qualquer serviço que se lhe preste.
- VIII Quando receber um, dar dois.
- IX Jamais faltar a palavra.
- X Evitar e desprezar até as más companhias.
- XI Não conversar sobre pressas e muito menos dizer mal dellas.
- XII Mostrar-se sempre satisfeito com a sorte.

TRANSES

A LEAL DE SOUZA

Quando se vota uma affeição cumprida, d'essas que brotam lá no fundo d'alma, não se pôde viver em plena calma sem que nos queira a nossa bem-querida...

Quando se quer e se é querido, a palma victoriosa do amor tem-se na vida; a existencia nos corre enflorçada e as nossas dores a alegria empalmana...

Mas, quem escuta as festivas fanfarras cantando a graça, o riso, a festa, o gozo, acorrendo do desprezo ás garias, tombando, um dia, sem calor, exangue, vê se findar um sonho tormentoso rendilhado de lagrimas de sangue!

ARMANDO FARIA.

MOLDES



Temos a satisfação de communicar ás nossas gentis assignantes e leit'ras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'a Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de costes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos e o trabalho, são das mais habilidadas moças no assumpto, a qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na m' dicidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N. 13 Saffa prôqueada..... 2.000

N. 14-15 Saffa moderna..... 1.800

N. 16-18 Saffa..... 1.800

N. 19 Saffa..... 1.800

Os recidos são recebidos no escritório desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 300 para o primeiro e 200 reis para cada um dos que se seguem.